



A Agricultura Camponesa no Alto Sertão Sergipano: contribuições para o fortalecimento da Agroecologia

The Peasant Agriculture in Alto Sertão Sergipano (Brazil): contributions to the strengthening of Agroecology

AMORIM, Lucas Oliveira do¹; CURADO, Fernando Fleury²; BRITTO, Mônica Cox Pereira³

¹ PGDR/UFRGS, lucasflorestal@gmail.com; ² Embrapa, fernando.curado@embrapa.br; ³ PPGEU/UFPE, monicacoxbr@gmail.com

Eixo Temático: Manejo de Agroecossistemas de Base Ecológica

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo identificar práticas tradicionais da agricultura camponesa no Alto Sertão Sergipano e como estas contribuem para a construção da agroecologia neste território. A pesquisa foi desenvolvida no Território do Alto Sertão Sergipano, sendo realizadas entrevistas orientadas por um roteiro semiestruturado com 28 camponeses (as), e também caminhadas transversais nas propriedades. Após a análise dos dados coletados, observou-se que entre os entrevistados há a presença de práticas tradicionais, tais como plantios em policultivos, uso de adubação orgânica, uso de inseticidas naturais, uso de tração animal, conservação de sementes crioulas, entre outras.

Palavras-chave: semiárido; campesinato; agricultura sustentável; resiliência.

Key words: semiarid; peasantry; sustainable agriculture; resilience.

Introdução

Podemos reconhecer que atualmente existem pelo menos de maneira geral dois modelos distintos de agricultura, um capitalista, baseado no pacote tecnológico, e outro camponês, baseado nas práticas tradicionais. O modelo do agronegócio, baseado no paradigma da modernização agrícola, vem sendo difundido no campo desde o século passado, acentuando-se após a Revolução Verde na década de 60. Desde então, a agricultura brasileira passou por um processo intenso de modernização, que consistiu na difusão de um pacote tecnológico – insumos químicos, sementes de laboratório, irrigação, mecanização, grandes extensões de terra – conjugado a uma base ideológica de valorização do progresso (PEREIRA, 2012). Estas transformações provocariam nos anos posteriores profundos impactos sociais, econômicos, culturais e ecológicos: concentração de terra, destruição de culturas (formas de conhecimento e visões de mundo), contaminação por agrotóxicos, etc. (TOLEDO; BARRERA- BASSOLS, 2015).

Diferentemente da lógica do agronegócio, o campesinato apresenta as condições objetivas e subjetivas para solucionar a crise socioambiental contemporânea, uma vez que sua lógica produtiva é baseada em relações de convivência com a natureza. Segundo Toledo (1990, p.17) “as estratégias camponesas são adequadas para a apropriação da natureza”, uma vez que o campesinato sempre foi portador de uma racionalidade que se compatibiliza com renovabilidade ecológica dos agroecossistemas.



Mesmo diante de pressões, alguns camponeses têm conseguido reinventar suas práticas e se reproduzir socialmente, passando adiante uma concepção de mundo que afirma a autonomia do campesinato contemporâneo perante o agronegócio, e que contribui para a construção da agroecologia e de uma relação que se deseja mais próxima da convivência entre sociedade-natureza.

Diante desta contextualização, o presente trabalho tem como objetivo identificar práticas tradicionais da agricultura camponesa no Alto Sertão Sergipano e como estas contribuem para a construção da agroecologia neste território.

Metodologia

Esta pesquisa foi desenvolvida no Território do Alto Sertão Sergipano, sendo visitadas as seguintes comunidades: no município de Canindé do São Francisco - comunidade Pelado; no município de Poço Redondo - comunidades de Poço Preto, Patos, Lagoa Grande, Lagoa de Dentro, Lagoa Dantas, Sítio Óleo, Brejinhos, Bom Jardim e Garrote do Emiliano; no município de Porto da Folha – comunidades Caatingas, Goiabeira, Deserto, Pitombeiras e Lagoa da Volta; e por fim no município de Monte Alegre de Sergipe - comunidades Retiro e Lagoa do Roçado.

Na pesquisa de campo foram realizadas entrevistas orientadas por um roteiro semiestruturado com 28 camponeses indicados pela direção do MPA (11 mulheres e 17 homens). Essa ferramenta é importante uma vez que cria um espaço de diálogo entre pesquisador e camponês.

Para complementar a entrevista, foram realizadas caminhadas transversais nas propriedades de cada camponês. Essa técnica participativa auxilia na caracterização dos sistemas de produção possibilitando obter informações sobre os diversos componentes do agroecossistema, e consiste em realizar uma caminhada linear pela propriedade, guiada pelo agricultor. Na oportunidade das visitas às propriedades, os familiares presentes também puderam interagir tanto durante as entrevistas, quanto nas caminhadas transversais.

Resultados e Discussão

Após a análise dos dados coletados, observou-se que entre os entrevistados há a presença de práticas tradicionais, tais como plantios em policultivos, uso de adubação orgânica, uso de inseticidas naturais, uso de tração animal, conservação de sementes crioulas, entre outras. Neste sentido, vale destacar a predominância da manutenção destas práticas entre as mulheres, o que demonstra a enorme importância das mulheres na construção da agroecologia.

As mulheres também são responsáveis pelo manejo dos quintais, local de suma importância dentro do sistema camponês de produção por se encontrar a maior diversidade de espécies cultivadas e criação de pequenos animais. Portanto, o fortalecimento da agricultura camponesa, e por consequência a construção da



agroecologia, passa pelo reconhecimento e visibilização das atividades tradicionalmente desenvolvidas pelas mulheres, reconhecendo a sua contribuição em várias etapas do processo produtivo na unidade familiar (SILIPRANDRI, 2009).

Uma das principais características dos sistemas agrícolas tradicionais é a diversificação de cultivos (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015). Os camponeses do sertão de Sergipe, cultivam um número considerado de espécies (40 espécies vegetais) que garantem a produção constante de alimentos para a família e animais, além de cobertura vegetal para o solo durante o verão. Na agroecologia, a diversidade de cultivos assume um papel essencial para a garantia do equilíbrio do agroecossistema, de maneira que as interações temporais e espaciais entre os componentes vegetais e animais, se traduzem em rendimentos derivados de reciclagem de nutrientes e matéria orgânica, e de relações tróficas entre plantas (ALTIERI; NICHOLLS, 2000).

O cultivo dessa diversidade de espécies varia de acordo com o período do ano, uma vez que algumas plantas são cultivadas apenas no período chuvoso, como o milho e o feijão. Já outras, como as hortaliças, são cultivadas o ano inteiro graças a água armazenada nas cisternas, entre outras tecnologias sociais de captação e armazenamento de água.

A presença destas tecnologias sociais para produção foi considerada um fator importante para a manutenção da diversidade de cultivos no verão. Entre os entrevistados, 75% (21) afirmaram possuir alguma dessas tecnologias, entre elas: cisterna calçadão, cisterna de enxurrada, barragem subterrânea e tanque de pedra. A construção destas tecnologias faz parte do Programa Uma Terra Duas Águas (P1+2), que é executado por organizações da sociedade civil que fazem parte da ASA/SE, e para ser contemplado, é necessário que a família já tenha sido beneficiada anteriormente pela cisterna do Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC).

Também foi possível observar que a presença das cisternas possibilitam o maior envolvimento de mulheres, pois geralmente as cisternas são construídas nos quintais ou arredores de casa. Durante as caminhadas transversais, foi possível observar que nesta unidade de manejo é que são cultivadas a maior quantidade de espécies. O cultivo de diversas plantas também é uma estratégia de convivência com o semiárido e tem uma grande importância para o aumento da resiliência dos sistemas de produção, pois uma diversidade de organismos é fator essencial para o bom funcionamento dos agroecossistemas.

Entre os agricultores que participaram desta pesquisa, 16 organizam seus cultivos principalmente com plantios solteiros, isto é, plantam cada cultura individualmente. Alguns camponeses explicaram que preferem esta forma pois no plantio misturado a produtividade é baixa. Isto é refutado por Liebman (1999), o qual afirma que os cultivos consorciados tendem a aumentar a produtividade, pois reduzem a incidência de pragas e doenças, melhoram a qualidade do solo e fazem o uso mais eficiente da água e dos nutrientes. O autor comprova isto demonstrando que em policultivos de



milho e feijão, pode haver um incremento de rendimento de até 38%, quando comparado a monocultivos.

Segundo Altieri e Nicholls (2000), as práticas tradicionais de cultivos consorciados têm baixo riscos de serem atacados por pragas, e quando isto acontece a capacidade de recuperação é mais rápida quando comparada a um monocultivo. Isto acontece por alguns motivos explicados por Liebman (1999): aumento da variedade e quantidade de fontes disponíveis de alimentos, melhores condições do micro hábitat, mudanças em sinais químicos que orientam a localização dos insetos, favorecimento da existência de inimigos naturais, entre outros. Estas informações dialogam com o observado em campo, uma vez que entre os camponeses que realizam plantios consorciados foram relatados poucos casos de incidência de pragas, ou quando ocorrem não causam tanto prejuízo.

A manutenção da qualidade nutricional do solo também é um fator importante no bom equilíbrio do agroecossistema, uma vez que determina o bom desenvolvimento dos cultivos. Em seus sistemas de produção, os camponeses encontram diversos resíduos que podem ser reaproveitados na forma de adubos, como esterco de animais, restos culturais, além de plantio de leguminosas que auxiliam na fixação de nitrogênio, com o feijão.

Em relação a adubação, percebeu-se que houve a predominância de uso de adubação orgânica (24 agricultores). A principal fonte de resíduos orgânicos citada pelos entrevistados foi o esterco bovino, seguido de resíduos vegetais, já o esterco de ovinos e fezes de galinha foi citado apenas por um agricultor.

A principal forma de reaproveitamento destes resíduos é através da incorporação ao solo no momento do preparo para o plantio. Mas foi possível identificar que alguns agricultores dominam técnicas agroecológicas de reaproveitamento de resíduos orgânicos, muitas vezes aprendido por meio de intercâmbios e oficinas organizadas pelo Centro Dom José Brandão de Castro, que faz parte da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA/SE). O uso de esterco e outras fontes de adubação orgânica para melhorar a fertilidade do solo é mais uma estratégia camponesa tradicional, e apresenta benefício ao solo do ponto de vista da melhoria de aspectos físicos e biológicos, além de contribuir de forma positiva na dinâmica dos nutrientes.

Ao fim das entrevistas, os camponeses eram indagados sobre o que sabiam ou pensavam a respeito da agroecologia. Alguns assumiram que nunca tinham ouvido falar ou não sabiam, mas outros arriscaram algumas respostas, e estas indicavam para: “aquilo que a gente faz aqui”, “plantar sem veneno”, “algo bom pra gente”, “agricultura sadia”, “cuidar da natureza”. Outros tiveram respostas mais elaboradas:

A agroecologia é o seguinte: é muito bom porque de tudo a gente tem que aprender. É muito bom chegar uma pessoa de fora, você que tem um estudo, dá uma lição a nós, aqui no interior. Aí você pega aquela palavra minha e pode lhe ajudar, isso é um prazer que a gente tem. Antigamente passava anos e anos e não chegava



ninguém. Hoje de mês em mês, de 15 em 15 vem gente como vocês. Hoje tá mais bom por causa disso (Seu Brasil, 67 anos, comunidade Pelado, Canindé de São Francisco).

Portanto, este “jeito” de fazer agricultura, levando-se em conta as práticas tradicionais, é visto pelos camponeses como agroecologia. A transcrição acima demonstra ainda outros dois aspectos importantes que dizem respeito à construção do conhecimento agroecológico: diálogo entre o conhecimento acadêmico e a valorização do conhecimento tradicional.

Conclusões

A compreensão da lógica da agricultura tradicional camponesa no Alto Sertão Sergipano e a sistematização do conhecimento dos camponeses que as praticam, é essencial para a construção da agroecologia. Prevaleceu entre os camponeses que participaram desta pesquisa, o cultivo de uma grande diversidade de espécies, o uso de adubação orgânica,, entre outras práticas tradicionais.

Dentro destas práticas tradicionais, foram identificadas diversas técnicas de manejo dos sistemas de produção que são o subsídio para a formulação do conjunto de práticas que são a base da agroecologia. A saber: os policultivos de feijão e milho, os quintais agroflorestais, o reaproveitamento de resíduos animais e vegetais para adubação orgânica, o armazenamento da água da chuva para cultivo de hortaliças, o uso de inseticidas naturais, uso de tração animal, entre outros. Para além deste conjunto de técnicas, também há os princípios e valores de relações sociais, como o trabalho coletivo e o fortalecimento das relações comunitárias.

Por fim, as discussões permitiram entender como os agricultores do Alto sertão Sergipano criaram complexos sistemas de produção com a adoção de práticas tradicionais, que contribuem para a sua subsistência, garantem a produção de alimentos, mesmo diante de condições ambientais desafiáveis, e realizadas em busca de estratégias que garantam a autonomia camponesa.

Referências bibliográficas

ALTIERI, M.; NICHOLLS, C. I. **Agroecología**: Teoría y práctica para una agricultura sustentable. 1ªedición, Ciudad de Mexico: PNUMA/ONU, 2000.

LIEBMAN, M. Sistemas de policultivos. In: ALTIERI, M. A. **Agroecologia**: Bases científicas para una agricultura sustentable. Montevideo: Editorial Nordan, 1999. p. 191-202.

MALAVOLTA, E. et al. **Adubos e adubações**. São Paulo: Nobel, 2002.



PEREIRA, M. C. de B. Revolução Verde. In: CALDART, R. S. et al. (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 687-691.

SILIPRANDI, E. Um olhar ecofeminista sobre as lutas por sustentabilidade no mundo rural. In: PETERSEN, P. (Ed.); **Agricultura Familiar Camponesa na Construção do Futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.

TOLEDO, V. M. La Resistencia ecológica del campesinado mexicano. In: **Ecología y Política**, v. 1. Barcelona: Icaria Editorial, 1990. p. 11-18.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. 1ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2015. **O meio ambiente e a saúde** (2001).